

---

# COMBATENDO A “ARTE DE PERVERTER” E ENSINANDO A DE “MODELAR ESPÍRITOS”: LIÇÕES DE PSICANÁLISE PARA EDUCADORES (ANOS 1920/30)\*

Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi\*\*

## RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar um discurso de natureza pedagógica dirigido a educadores e, em especial, à família no Brasil, por um intelectual que ocupou um lugar de destaque no campo médico brasileiro dos anos 1920/30, conferindo ainda atenção às estratégias utilizadas para a sua veiculação. Atuando profissional e intelectualmente num contexto em que a medicina se propunha a adotar um receituário voltado para a “regeneração” de uma sociedade compreendida como doente, Júlio Pires Porto-Carrero (1887-1937) forneceu uma importante contribuição para o campo profissional de seu tempo, como um dos principais introdutores da teoria e da prática psicanalítica no Brasil.

**Palavras-chave:** história da educação, debates educacionais no Brasil, psicanálise e educação.

*Se a indústria, a economia e a medicina podem encarregar-se do corpo, quem se encarregará da saúde da alma desde o berço?*

Júlio Porto-Carrero

*Freud ensinou-nos a pensar fora da verificação sensorial; a alma é mais profunda do que o pode conceber a nossa consciência.*

Idem

Entre os intelectuais que ocuparam a cena política e cultural da sociedade brasileira nos anos 1920/30, sabe-se que os médicos situaram-se em um lugar de destaque. No momento em que seu campo profissional encontrava-se em processo de constituição, dividiram com outros intelectuais, cujos campos também se institucionalizavam, a crença no estabelecimento em nossa sociedade de uma ordem moderna e no papel crucial a ser desempenhado por eles mesmos e por seu saber racional, nesse processo. Entre os campos da medicina e o da educação, por exemplo, estabeleceu-se uma forte proximidade, percebida tanto em nível discursivo, quanto das práticas inscritas no âmbito das duas áreas de conhecimento.

Neste texto, estaremos colocando um foco em um importante representante da área médica, cuja atuação profissional e intelectual incluiu importantes incursões na esfera educativa que podem ser compreendidas como expressivas da aproximação mencionada: o psiquiatra Júlio Pires Por-

---

\*Este trabalho, apresentado inicialmente no I Congresso Brasileiro de História da Educação (Rio de Janeiro – novembro/2000) representa um resultado parcial de minha pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da UFF, sob a orientação da professora Ângela de Castro Gomes. A tese, que recebeu o título de “Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil” foi defendida em agosto de 2001.

\*\*Doutora em História. Professora do Departamento de História da PUC-Rio e da Faculdade de Educação da Uerj.

---

to-Carrero (1887-1937). Partidário das concepções da Higiene, este médico e educador<sup>1</sup> partilhava da compreensão da sociedade como “corpo social”, portador de doenças ou sujeito a elas, e da importância da intervenção sobre o contexto social de maneira eminentemente preventiva. Como psiquiatra, fundamentando-se em uma perspectiva biológica valorizada na época e sublinhando, como seus pares, a organicidade da doença mental, passou a integrar a área científica da Higiene Mental.

Dirigido à sociedade de forma geral, e não mais apenas aos indivíduos mentalmente doentes, o discurso preventivista, compartilhado por médicos dessa área, defendia a ação psiquiátrica anterior ao surgimento dos sinais clínicos da doença (COSTA, 1989, p. 43-44), situação que abria espaço para um processo de intervenção normatizadora sobre a sociedade, segundo os desígnios da ciência médica. Ao valorizar a predisposição biológica e hereditária das doenças mentais e ao prescrever a profilaxia das mesmas dirigida também às gerações vindouras, psiquiatras dessa linha, como Porto-Carrero, assumiam a eugenia como um referencial central em que baseariam muitas de suas iniciativas de “higienização da sociedade”.

Nessa direção, foi fundada em 1923 a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), instituição que assumiu grande projeção no panorama cultural da época e da qual o médico em questão foi membro, e inclusive presidente por alguns anos.<sup>2</sup> Figura de destaque no processo de institucionalização do campo médico-psiquiátrico, Júlio Porto-Carrero notabilizou-se, ainda, como um dos primeiros cientistas-intelectuais de nossa sociedade a assimilar, a partir dos anos 1920, as idéias de Sigmund Freud, tornando-se um de seus principais divulgadores.<sup>3</sup> Desta forma, foi ainda um dos promotores do casamento “sui generis” que então passa a se expressar em nossos meios intelectuais entre a eugenia e a psicanálise.

Permeado por discursos e práticas destinados à saúde do corpo, o campo da medicina, já sensibilizado no âmbito da psiquiatria por reflexões relativas à dimensão mental dos indivíduos – embora ainda informadas, em grande medida, por uma perspectiva organicista –, passou então a se ocupar de modo progressivo do cuidado da “alma”, incorporando para isso novos referenciais. Qualificada pelo psiquiatra Júlio Porto-Carrero como a “ciência de Freud”, a psicanálise iria então ao encontro da demanda já existente, nascida no próprio campo científico em sintonia com o Estado, de controle sobre a face não-racional dos indivíduos, vista como foco possível de desequilíbrios e anomalias de conseqüências funestas para a sua descendência, bem como para a própria coletividade mais ampla.

Refletindo sobre o tema do inconsciente trazido à tona pelo médico vienense, Porto-Carrero demonstrava conferir pouca relevância à questão conceitual, ao afirmar que não se importava em saber se o mesmo dizia respeito à “alma espiritual” ou à “alma energética”. A seguir, acrescentava:

---

<sup>1</sup>Porto-Carrero havia lecionado, durante sua juventude, várias disciplinas em um colégio mantido por seu pai e, após formar-se como médico, tornou-se professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi ainda membro da Associação Brasileira de Educação (ABE), tendo integrado seu Conselho Diretor. Nessa instituição atuou na organização de cursos e palestras sobre psicanálise dirigidas a educadores, entre outras atividades.

<sup>2</sup>Júlio Porto-Carrero foi vice-presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental entre os anos de 1928 e 1933 e presidente, a partir de 1934 até a data de sua morte, em dezembro de 1937.

<sup>3</sup>Auto-didata, Júlio Porto-Carrero entrou em contato direto com as obras do mestre da psicanálise, com quem chegou a estabelecer correspondência. Traduziu, ainda, um dos textos do autor, intitulado *O futuro de uma ilusão*.

---

(...) o que importa é estudá-la, para compreender a si mesmo e para compreender aos outros. O que importa é sabê-la para compreender os pequeninos, os que serão os homens de amanhã e cujo caráter depende, principalmente, de lhe haverem conhecido o sistema de comportamento, na época de formação (PORTO-CARRERO, 1940, p. 67).

Segundo a concepção daquele médico e educador, seria exatamente a “ciência de Freud” que, além de embasar o tratamento dos distúrbios da “alma” já manifestos, forneceria o instrumental para a ação dos agentes que, de acordo com a lógica preventivista, deveriam se ocupar em zelar pela saúde da mesma, prevenindo possíveis males futuros, isto é, para aqueles que tivessem como tarefa a educação.

### ENSINANDO A EDUCAR ATRAVÉS DA PSICANÁLISE

[...] como pude eu até agora empreender a educação se não conhecia a alma humana? Como pude eu, cego, encarregar-me de guiar no bom caminho as pequeninas almas?

*Júlio Porto-Carrero*

Que cada um que tenha a seu cargo um pequeno espírito a modelar, plástico como a cera mole dos escultores, procure informar-se dos conceitos da psicanálise.

*Idem*

Segundo estudos referentes ao campo psicanalítico, seriam frágeis, e de certa forma problemáticas, as relações entre a teoria freudiana e o campo da educação. Embora a influência das descobertas relativas ao inconsciente sobre as práticas educativas tenha sido e ainda seja indiscutível, não haveria notícia de que Freud tivesse manifestado uma preocupação sistematizada com o tema da educação, e muito menos de que houvesse enfatizado a aplicabilidade de sua teoria nas relações educador-educando. De acordo com a interpretação da psicanalista e pesquisadora Catherine Millot, embora existam indícios de que o médico vienense houvesse chegado, inicialmente, a acreditar na possibilidade de uma pedagogia calcada em “um objetivo profilático com relação às neuroses” (1987, p. 7), a continuidade de suas investigações sobre o inconsciente o teria levado a enterrar tais expectativas.

Os conhecimentos psicanalíticos parecem, ao contrário, segundo essa linha de interpretação, ter contribuído mais para “um questionamento da própria pedagogia como ciência dos meios e fins da educação” (id., ib., p. 7). Considerando que as doutrinas pedagógicas se baseariam “na ilusão da possibilidade do domínio sobre os efeitos da relação do adulto com a criança”, esta se desmancharia diante do universo analisado por Freud. Acentuando o peso do inconsciente do educador e do educando na relação pedagógica, sua teoria apontava tanto para o papel limitado das intenções e intervenções conscientes do primeiro, quanto para a “impossibilidade estrutural” (id., ib., p. 150) do domínio sobre o segundo.

Se questionamentos como esse puderam florescer no ambiente original em que nasceram as idéias psicanalíticas, um tratamento bem distinto do tema pode ser observado no cenário brasileiro dos anos 1920. Júlio Porto-Carrero, por exemplo, notabilizou-se, entre seus pares, exatamente por ter se dedicado com afinco à construção de pontes entre psicanálise e educação, presentes em sua produção intelectual de formas diversas. Uma dessas dimensões revela-se na preocupação de “vulgarizar o conjunto das teorias psicanalíticas e as suas aplicações” (PORTO-CARRERO, 1932, p. 10) para a “gente culta” de nosso país (id., 1934, p. 191), mas também para a sociedade mais geral.

---

Se este era um objetivo frequentemente enunciado em seus textos,<sup>4</sup> mostrava-se presente também nas muitas ações em que esteve envolvido, como conferências, cursos, programas radiofônicos, entrevistas a órgãos da imprensa, campanhas promovidas pela LBHM, trabalhos apresentados em congressos médicos e em Conferências de Educação.<sup>5</sup>

Um público amplo a ser atingido por essas estratégias variadas deveria ser conscientizado da importância da incorporação de conhecimentos psicanalíticos, considerados aplicáveis em diversas áreas da vida social, sobre o que o médico e educador arriscava um prognóstico: “Penso que suas aplicações à vida diária, à pedagogia, até mesmo ao comércio, à educação de caserna, aos inquéritos judiciais, aos sistemas previdenciários não de vir como coisa corrente, mais ano, menos ano” (id., ib., p. 157). Para o convencimento de seu público, utilizava-se, em seu discurso, de um tom claramente didático, ao mesmo tempo que, com a intenção de conferir-lhe autoridade, explicitava a todo momento seu embasamento científico.

Embora Júlio Porto-Carrero, em seus textos, se voltasse para a sociedade brasileira de forma geral, discriminava, no interior daquela, alguns grupos para quem os ensinamentos freudianos se revelariam imprescindíveis. Afirmava, então: “A psicanálise pode ser desconhecida de todos os profissionais; mas ignorarem-na o médico e o mestre – é verdadeiro pecado” (id., ib., p. 28).

Aos educadores – tanto aos mestres quanto aos pais –, dirigia-se com frequência, participando, inclusive, de ações junto a instituições do campo educacional, como foi o caso da Associação Brasileira de Educação (ABE). Em uma de suas conferências, sublinhava: “(...) para educar bem é preciso aprender a educar” (id., ib., p. 186). E a tarefa a que Porto-Carrero procurava responder de maneira destacada, era justamente a de ensinar esses educadores a educar, descortinando para eles o universo das idéias psicanalíticas. Dirigindo-se a este público em aula inaugural de um curso ministrado na ABE, justificava: “Vereis como a psicanálise vos abrirá os olhos, para compreenderdes as excelências e os defeitos da vossa pedagogia. Vereis o quanto é ótima a sublimação, quando não é possível a destruição, a condenação dos complexos” (id., ib., p. 28).

A ênfase dada por aquele médico à atuação de educadores e à área da pedagogia de modo geral pode ser compreendida se considerarmos que, como higienista, privilegiava a prevenção em lugar da prática curativa. Demonstrando compreender que a profilaxia dos “males da alma” seria o grande desafio colocado para aqueles agentes sociais, fornecia-lhes sua contribuição para o enfrentamento daquele. Ancorado na psicanálise, o entendimento que procurava transmitir em suas lições era o de que as neuroses seriam resultantes, em grande medida, de erros cometidos pelos adultos com crianças e jovens ao longo da formação destes. Tais erros seriam motivados, muitas vezes, pelo desconhecimento daqueles quanto à nocividade de que se revestiria o processo educativo, quando baseado meramente na repressão às pulsões dos educandos. Partindo desse ponto de vista, o médico e educador orientava aqueles que tivessem sob seus cuidados “espíritos a modelar” em uma outra direção. Indicava que, diante da impossibilidade de satisfação dos instintos da criança, o caminho a ser seguido no sentido da preservação da “saúde de sua alma” estaria no redirecionamento daquela

---

<sup>4</sup>Neste trabalho, nossa análise está centrada nas obras de Porto-Carrero, em que se expressa a reflexão sobre o tema da educação em sua articulação com a psicanálise. Ao longo de sua trajetória intelectual, dedicou-se, ainda, ao estudo de outras temáticas ligadas de forma particular à área médica e à criminologia, por exemplo.

<sup>5</sup>Algumas obras do autor incluem vários artigos que consistem na transcrição destas diferentes formas de transmissão de suas mensagens: *Ensaio de psicanálise; Grandezas e miséria do sexo e Sexo e cultura.*

---

energia psíquica bloqueada, no sentido de sua utilização produtiva em outra atividade – intelectual, esportiva, artística ou mesmo prática – a ser incentivada.

Expressivo da visão preventivista de Júlio Porto-Carrero era o ditado citado com frequência em suas conferências e textos: “De pequenino é que se torce o pepino” (id., jan. 1933, p. 92). A mensagem transmitida por seu intermédio era a do valor da intervenção preferencial sobre a criança, que deveria ser realizada através de sua educação desde a primeira infância, e que por isso deveria ser encaminhada em primeiro lugar pela família.

Sublinhava, então, a relevância de estratégias voltadas para a formação apropriada das famílias, de maneira a capacitá-las para o exercício de seu importante papel educativo, no que se aproximava das posições defendidas por educadores profissionais no âmbito dos debates educacionais dos anos 1920/30. A esse respeito, o médico comentava em um de seus estudos apresentados à Associação Brasileira de Educação (ABE): “A bem dizer, seria necessário formar as escolas de pais.” Analisando a realidade existente, indicava, no entanto, uma das formas através das quais aquela instituição poderia encaminhar aquela proposta:

Já bastante poderá fazer a ABE, lançando os conceitos acima (a seu ver, aqueles de compreensão essencial para educadores), nos círculos de pais e professores. Os pais colherão a lição para aplicá-la em casa; e ao menos os filhos mais novos lucrarão alguma coisa (...). (id., 1934, p. 117-118).

A necessidade de preparação conveniente dos pais para o exercício de sua função educativa, era um ponto sempre repisado pelo médico. Em uma de suas conferências, Porto-Carrero explicava seu ponto de vista:

Desde tantos séculos se esforçam os pedagogos por aperfeiçoar os métodos de educação e cada ano que passa nos traz novos aperfeiçoamentos à pedagogia. Como podemos nós, os pais ignorantes da ciência pedagógica, educar bem nossos filhos? Será a educação um dom inato, transmitido pela herança ou exemplo daqueles que nos criaram?

Sua resposta era categórica: “Não, minhas senhoras; não, meus senhores” (id., ib., p. 186).

Sobre os focos que deveriam nortear a educação dos pais, Porto-Carrero apresentou a educação sexual como um dos mais importantes, por representar o núcleo da ação voltada para a profilaxia de neuroses e anomalias diversas. Em um de seus trabalhos, o médico analisava o problema, procurando afastar algumas dúvidas comumente associadas a ele:

Já não se discute mais a questão de conveniência da instrução das crianças a respeito das cousas relativas ao sexo, pelos pais ou professores. Um pouco de reflexão basta para compreender que nenhuma criança se mantém ignorante a esse respeito, ‘inocente’, até a puberdade; e que os companheiros, colegas e fâmulos se encarregam bem cedo dessa instrução, mas sem nenhuma honestidade, antes sob um ponto de vista obsceno e com indução freqüente para os vícios.

A questão de saber-se quem deva fazer a instrução, se os pais, se os mestres, merece apenas esta resposta; uns e outros, a seu tempo.

Quanto a saber-se quando deva ser iniciada essa instrução, apenas pode responder-se: tão cedo quanto isso interesse à criança; e essa é a razão pela qual os pais devem iniciar a tarefa (id., ib., p. 86).

Por valorizar o papel educativo dos pais, Júlio Porto-Carrero lançou-se, ele mesmo, ao longo de sua vida profissional, em uma empreitada pedagógica expressiva dirigida a eles – e, em especial às mães –, ao mesmo tempo que estimulou outras estratégias voltadas para o mesmo fim.

---

No entanto, seu posicionamento não o impediu de mencionar os sérios limites colocados em relação à eficiência da família como instituição educativa. Assim compreendia a questão:

É possível educar certo número de pais, por forma a evitar grande número desses males; mas, além de que nem todos são suscetíveis de adquirir, pela educação, uma capacidade técnica para tanto, a muitos os misteres da profissão os arredam tanto do lar, que não se pode esperar que eduquem os filhos (id., s./d., p. 228).

Não poupando críticas a um modelo educativo tido como ultrapassado e que nem sempre seria substituído pela “ciência de educar”, Porto-Carrero o identificava a uma verdadeira “arte de perverter”, que atingiria não apenas a criança, mas o indivíduo em toda sua vida.

Em vários de seus estudos, o médico, após caracterizar a “criança pervertida”, chamava a atenção dos pais para sua responsabilidade direta no aparecimento de neuroses e anomalias em seus filhos. Em conferência já citada, endereçava àqueles sua mensagem:

(...) ó vós, que recebestes o presente divino de uma alma pequeninina por moldar e levais ao fogo a massa ainda informe, que não tivestes a coragem de preparar suavemente, gradualmente, esculpindo-a com carinho de artista – dissei-me, (...) quem perverte os vossos filhos? (id., ib., p. 183).

A “arte de perverter” mencionada por Porto-Carrero seria conduzida por pais que ignorassem ou se mostrassem incapazes de assimilar os conhecimentos pedagógicos de forma geral e os psicanalíticos em especial. No entanto, segundo seu ponto de vista, mesmo os pais reconhecidamente dotados de capacidade intelectual para educar, muitas vezes não o fariam com competência. Ao avaliar o funcionamento da “família moderna”, o médico compreendia que sua dinâmica, marcada com grande frequência pela ausência dos pais do ambiente doméstico, não seria compatível com a missão educativa a ser desempenhada por ela.

Discordando da idéia de que a missão educativa dos pais seria inquestionável, Porto-Carrero sentenciava: “A vida intensa moderna não permite, nem mesmo nos mais aptos, a tarefa de educar os filhos (...)” (id., 1932, p. 219). Este fator, associado à *incapacidade técnica* de muitos pais, e ainda ao “sentimentalismo” daqueles ligados por laços de parentesco à criança, conduzia à defesa, em seu discurso, da preeminência de uma outra instituição na educação das crianças e jovens: a escola. Nesse ponto, mais uma vez se identificava com as idéias dos educadores vinculados ao movimento renovador da época.

Adotando uma postura pragmática com relação ao quadro diagnosticado, o médico fornecia orientações sobre a condução a ser dada ao processo: “O trabalho da escola, aos sete ou oito anos, é corrigir, emendar, substituir, (...), o que foi mal construído no lar” (id., 1934, p. 187). Embora assinalasse os problemas em geral interpostos à empreitada a ser desenvolvida pela instituição escolar, já que a reversão de males seria sempre mais difícil que a sua prevenção, Porto-Carrero considerava que a realidade adversa, ao invés de representar um incentivo à derrota, deveria funcionar como estímulo à ação daquela. A recepção pela escola de crianças oriundas do ambiente doméstico era, assim, objeto da reflexão do médico: “Sobre esse material tendes de trabalhar. É cera mole e plástica; mas já não é cera pura, mercê das terríveis incursões de preconceitos e erronias que vos cumpre desentranhar. A obra da escola é assim mais complexa. Mas urge fazê-la” (id., 1933, p. 120).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>É interessante observar como nessa passagem aparece a metáfora, tão disseminada no pensamento educacional da época, da criança identificada como “matéria informe”, “cera mole” a ser moldada.

---

Observando que as origens dos “vícios e perversões” percebidos nas crianças encontravam-se em uma educação sexual anterior mal conduzida, Porto-Carrero assim caracterizava uma parcela significativa dos alunos recebidos pela escola:

(...) cabeça cheia de cegonhas que trazem meninos; (...) ânimo angustiado ante o mistério dos órgãos sexuais e suas funções; temor íntimo, temor profundo da autoridade e coração afeito ao sonho e ao devaneio.

Juntai a tudo isso a fantasia incrementada pelos contos da carochinha (...).

Aí está o material humano que vos entregam para corrigir e aperfeiçoar (id., 1932, p. 218).

A partir dessa avaliação, encorajava os professores no sentido do estabelecimento de um programa de educação sexual centrado na reorientação da compreensão dos alunos sobre o tema, de forma a combater preconceitos instalados. Fornecendo indicações precisas sobre a maneira como o trabalho deveria ser encetado, Porto-Carrero sublinhava, por exemplo, que, de modo a “não chamar a atenção sobre o assunto”, caberia “não fazer o ensino sexual como aula autônoma”, mas empreendê-lo através das várias disciplinas que, em momentos diversos de seus programas, oferecessem oportunidades para a abordagem de temas relativos à sexualidade “sem escândalos e sem malícia” (id., ib., p. 226-227).

O trabalho da escola, percebido por Porto-Carrero “mais como ortopedia que escultura” (id., 1933, p. 118), era constantemente associado em seus textos à ação do Estado, o que pode ser compreendido se considerarmos as idéias do autor inseridas na mobilização observada em seu tempo em prol da consolidação de um sistema estatal de ensino. Considerando as lacunas deixadas pela instituição familiar, Estado e escola eram apontados pelo médico como instâncias cruciais no desempenho de uma missão educativa a ser exercida junto a crianças e jovens, com repercussão em suas vidas de adulto, em suas famílias,<sup>7</sup> bem como nas gerações futuras e, no limite, como era comum ser destacado pelo médico eugenista, na própria “espécie”.

Outras instituições ligadas especificamente ao campo médico deveriam ainda concorrer nesta direção. Na LBHM, por exemplo, funcionou a Clínica de Eufrenia, que teve Júlio Porto-Carrero como patrono, e que consistiu em uma importante agência de intervenção social. Pautada em uma perspectiva de “pedagogia sanitária”, sua ação objetivava, segundo aquele médico, “endireitar os tortos, por processos de ortopedia mental, desde a infância” (PORTO-CARRERO, jan. 1933, p. 91). Agências como essas deveriam contribuir, de formas variadas, para a construção de “homens normais”, de “brasileiros úteis ao seu país” (id., 1932, p. 93).

Todo esse processo de intervenção em que Porto-Carrero esteve envolvido, voltado para a “modelação de espíritos”, e a partir disso, para a modelação da própria sociedade presente e futura, era compreendido com base na noção de “civilização”. Apoiado nas idéias de Freud, bem como em concepções evolucionistas, aquele médico e educador tratava essa noção em um registro bastante próximo da idéia de saúde, sendo que esta, por sua vez, considerada no âmbito individual e social, revelava uma compreensão que aproximava a dimensão física e mental da dos costumes e comportamentos morais.

---

<sup>7</sup>Cabe lembrar que também foram encaminhadas importantes e específicas estratégias pedagógicas na direção das famílias.

---

Após assinalar a inevitabilidade do “processo civilizador”,<sup>8</sup> Júlio Porto-Carrero avaliava que seriam encontrados resultados diferenciados para o mesmo, dependendo da forma de seu encaminhamento. Defendendo a sua condução ancorada em uma perspectiva científica, o que deveria ser feito de maneira privilegiada por médicos e educadores, Júlio Porto-Carrero precisava qual seria a base essencial do caminho indicado: “Dirigir essa evolução de maneira razoável, já que não é possível abdicar da civilização – estufa de neuroses – é tarefa educativa que só a psicanálise pode guiar” (PORTO-CARRERO, 1934).

Através de suas lições de psicanálise dirigidas a educadores – que constituíam um verdadeiro receituário –, Júlio Porto-Carrero procurou contribuir para o que compreendia como o processo de aperfeiçoamento de sua sociedade. Demonstrando uma crença inabalável no caminho apresentado em seus textos e ações, o médico e educador indicava que o mesmo, se corretamente seguido, levaria ao estágio final da evolução apregoada. Cabe assinalar que esta realidade social sonhada era identificada de tal maneira a um estado de harmonia – e saúde – perfeita que chegava a ser representada por um cenário em que:

(...) o crime deixará de existir”, “os congressos (médicos) futuros hão de reunir-se, não para discutir casos clínicos e normas de tratamento, mas sim para declarar a melhora de nossa raça, a nossa superioridade na América e no mundo” e os “consultórios de psicanalistas não terão muito que fazer (PORTO-CARRERO, 1934, p. 258; id., 1932, p. 219).

---

<sup>8</sup>Ver a respeito dessa noção Norbert Elias. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 v.



---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 v.
- HERSCHMANN, Micael; PEREIRA; Carlos A. Messeder. *A invenção do Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LOPES, Eliane Marta T.; FARIA, Luciano M.; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MILLOT, Catherine. *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- MOKREJS, Elisabete. *A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- NUNES, Silvia A. Da medicina social à psicanálise. In: BIRMAN, Joel. *Percursos na história da psicanálise*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.
- PORTO-CARRERO, Júlio P. *A psicologia profunda ou psicanálise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1932.
- \_\_\_\_\_. *Sexo e cultura*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1933.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio de psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1934.
- \_\_\_\_\_. *Grandezas e miséria do sexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940.
- \_\_\_\_\_. *Psicanálise de uma civilização*. Rio de Janeiro: Guanabara, s./d.
- \_\_\_\_\_. Entrevista ao Globo. In: *Archivos Brasileiros de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, jan. 1933.
- VIDAL, Diana G. Educação sexual: produção de identidades de gênero na década de 1930. In: SOUSA, Cynthia P. de (org.) *História da educação: processos, práticas e saberes*. São Paulo: Escrituras, 1998.

## RESUMEN

*El artículo tiene por objetivo analizar un discurso de naturaleza pedagógica dirigido a educadores y, de manera especial, a la familia en Brasil, por un intelectual que ocupó una posición de realce en el campo médico brasileño de los años 1920/30, conferiendo todavía atención a las estrategias empleadas para su propagación. Actuando profesional y intelectualmente en el contexto en que la medicina se proponía a adoptar un recetario dirigido hacia la "regeneración" de una sociedad comprendida como enferma, Júlio Pires Porto-Carrero (1887/1937) proporcionó importante contribución en el campo profesional de su tiempo, como uno de los principales introductores de la teoría y de la práctica de la psicoanálisis en Brasil.*

**Palabras-clave:** historia de la educación, debates educacionales en Brasil, psicoanálisis y educación.

## ABSTRACT

*The objective of this article is to analyse a discourse of pedagogic nature addressed to educators and, particularly, to the family institution in Brazil, produced by an intellectual who occupied an eminent position in the Brazilian medical field in the years 1920/30, also paying attention to spreading strategies. Acting professionally and intellectually in context where science proposed to adopt a medication to "regenerate" a society supposedly sick, Júlio Pires Porto-Carrero (1887/1937) gave an expressive contribution to the professional area of that period, as one of the most important introducers of the psychoanalysis in Brazil.*

**Keywords:** history of education, educational debates in Brazil, psychoanalysis and education.